

Diga quem eu sou

Urbanistas explicam e tentam entender o processo de formação de Jacarepaguá e dos bairros vizinhos

LUCAS ALTINO
lucas.altino@oglobo.com.br

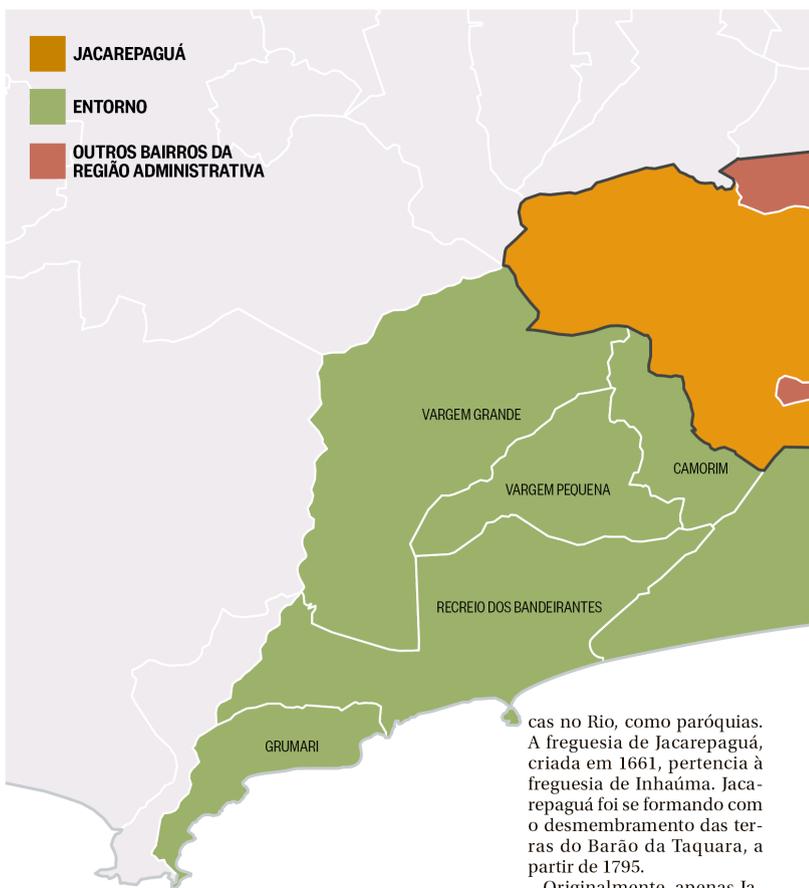
De “longe para caramba” a “Suiça Carioca”, Jacarepaguá reúne qualidades que são motivos de orgulho e defeitos que costumam ficar escondidos e só quem mora lá sabe do que se trata. Mas, afinal, quem consegue defini-lo? É um bairro que abrange diversos sub-bairros? Uma região administrativa? Tais questionamentos certamente já foram feitos por moradores ou visitantes que um dia se aventuraram na tentativa de destrinchar uma das geografias mais complexas da cidade. Jacarepaguá, na realidade, é um bairro, assim como Taquara, Tanque, Freguesia, Curicica, Anil, Gardênia Azul, Praça Seca, Pechincha e Cidade de Deus. Diferentemente do que pensa a maioria, Jacarepaguá não é “tudo isso”, mas, atualmente, apenas “uma parte disso tudo”.

O processo de desmembramento começou na década de 80, entre 1981 e 1985, com a consolidação dos então sub-bairros como bairros independentes. Apesar de ain-

da ter a maior área em extensão territorial, Jacarepaguá hoje é formado pelas terras mais próximas ao Maciço da Pedra Branca, num formato que lembra uma sela de cavalo. Já a Região Administrativa de Jacarepaguá continua contemplando todos os antigos sub-bairros, de Curicica a Vila Valqueire, menos Cidade de Deus, que é uma região administrativa única.

Com tantas transformações, é fácil notar as dificuldades de diferenciar todos os bairros. Onde começa um e termina o outro? No meio dessa divisão, longas vias acabam tendo paternalidades diversas. A Avenida Geremário Dantas, por exemplo, passa por Freguesia e Pechincha e a fronteira é a Estrada do Capenha. Já a Estrada dos Bandeirantes talvez seja a recordista de bairros: Curicica, Jacarepaguá, Taquara, Camorim e Vargens, segundo os mapas do Instituto Pereira Passos.

Ao escrever o livro “Marketing da sustentabilidade educacional”, que faz referência à construção da Freguesia, aos lançamentos imobiliários e à ecologia urbana na região, o urbanista Gisela Santana so-



freu com as dificuldades para obter informações sobre a divisão entre os bairros. Ela lembra que, apesar das fronteiras delimitadas pela prefeitura, as divisões simbólicas, perpetuadas por moradores antigos, também precisam ser consideradas.

— O livro conta a história de Jacarepaguá e levanta o Plano Lucio Costa e os limites geográficos da região, definidos pelos atores sociais. O mercado imobiliário, por exemplo, faz divisão por região macro, ou seja, considera Jacarepaguá como um único bairro. Já a população tem a questão de afetividade e do imaginário social. Quem mora no final da Guanumbi pode falar que mora na Freguesia, por exem-

plo, apesar de já ser Jacarepaguá. A prefeitura, por outro lado, utiliza uma divisão administrativa mais criteriosa — explica a urbanista.

Em sua pesquisa, Gisela retomou o momento de criação das divisões da cidade, consolidadas pelos caminhos que os jesuítas faziam.

— As ocupações urbanas foram surgindo a partir das rotas dos jesuítas. Foram os casos dos largos da Freguesia e do Tanque e da Praça Seca, por exemplo. Foi a partir desses tipos de espaço que os bairros se criaram. Os bondes também tiveram papel estruturador — explica Gisela, que estudou mais a fundo a história da Freguesia. — Eram 21 freguesias eclesiásti-

cas no Rio, como paróquias. A freguesia de Jacarepaguá, criada em 1661, pertencia à freguesia de Inhaúma. Jacarepaguá foi se formando com o desmembramento das terras do Barão da Taquara, a partir de 1795.

Originalmente, apenas Jacarepaguá e os pequenos bairros internos foram sendo ocupados, à medida que se valorizavam ao longo do tempo, até se tornarem independentes. A doutora em urbanismo Ana Beatriz Velasques, que escreveu um trabalho sobre a dinâmica socioespacial de Jacarepaguá, pela UFF, lembra que a ocupação da Freguesia aumentou após a inauguração da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, por exemplo. Já o fortalecimento da Praça Seca e da Taquara é anterior, pois ficavam no meio da rota entre a Zona Norte e a praia:

— Antes, a única forma de adentrar a Baixada de Jacarepaguá era pela Zona Norte, a partir de Cascadura e Madureira, passando por Praça Seca e Taquara, no ca-